

DF - Brasília, o triunfo sobre a natureza

Arnold Toynbee

Brasília, a capital soberana do Brasil, está somente a cerca de 600 milhas da anterior capital, Rio de Janeiro. Digo "somente" porque, pelos padrões brasileiros, qualquer número de milhas inferior a quatro algarismos é trivial. Em distâncias, o Brasil rivaliza com os Estados Unidos e a China e apenas é superado pela União Soviética.

Contudo, estas 600 milhas transportam-no da costa Noroeste do Atlântico até ao interior da América do Sul, e a direção torna a distância grande sob o ponto de vista qualitativo. O Rio, frio ou quente, é sempre úmido, enquanto em Brasília, o clima no inverno é tremendamente seco. Em Brasília é prudente beber líquidos frequentemente, mesmo que não se tenha sede. Se você negligenciar esta precaução, pode ficar "desidratado" e quando a água sai do seu corpo, transporta com ela os sais energéticos e você sente-se debilitado.

O violento contraste do clima entre Brasília e o Rio é, por conseguinte, de importância real. Desde que você evite a "desidratação", o ar revigorante e claro de Brasília e a brisa fresca que sobrevêm ao calor do sol são estimulantes que lhe permitirão um dia de trabalho mais longo e mais duro do que no Rio, com um esforço idêntico. Mas a diferença crucial entre as duas cidades é a diferença nas relações entre a natureza e o homem.

No Rio, a natureza é dramática, e dramatiza aqui em grande escala. O morro do Pão de Açúcar, que aparece em todas as panorâmicas da cidade, é apenas um entre dezenas de cones de granito imenso, muitas vezes suavizado sob uma densa floresta semitropical. No Rio, o homem só tem duas alternativas: ou trabalhar em harmonia com a natureza ou cometer impertinências contra elas, e estas impertinências humanas mostram as limitações do homem, pois elas são singularmente ineficientes.

Por contraste, em Brasília, ainda nem sequer houve um conflito com a natureza. O homem aqui foi senhor a

partir do momento em que, na pessoa do presidente Juscelino Kubitschek, ele escolheu plantar uma cidade capital nesta selva até agora virgem. O lugar escolhido fica na confluência das bacias de três rios — as do Amazonas, do Prata e do São Francisco.

É da maior importância notar que este local se situa no meio do imenso planalto brasileiro — uma região curvilínea de solo vermelho estéril, cuja natural cobertura de vegetação são arbustos, que só em parte se conciliam com a pobreza da terra. Nunca tinha visto uma paisagem de horizontes tão vastos; na verdade, o nome de Belo Horizonte ter-se-ia aplicado bem a Brasília se já não tivesse sido aproveitado pela capital de Minas Gerais, no caminho da costa. O imenso céu que cobre esta vasta paisagem é iluminado, duas vezes ao dia, primeiro pelo flamejante nascer do sol e depois por um pôr-de-sol incandescente. O céu vermelho confunde-se com a terra vermelha.

O que Brasília representa para mim é o triunfo moderno do homem sobre a natureza (um triunfo que pode prendê-lo). No Rio as elevações e as águas pertencem à natureza; em Brasília, são construídas pelo homem. As elevações são edifícios e não montanhas; as águas são um lago artificial e não o mar. O homem escolheu precisamente para construir, neste ponto, uma nova cidade capital num novo estilo. Antes, nada de humano, mas mesmo nada, havia para construir. Tudo teve de começar pelo zero.

A luta para o planejamnto da cidade neste local começou em 1956. Em 1966 a cidade existe — e já tem 300 mil habitantes.

A criação de Brasília veio ao encontro de uma importante necessidade nacional do povo brasileiro e não só uma necessidade, mas uma aspiração. A evidência disto é o número espantoso de brasileiros que afluíram a Brasília para tomar parte no trabalho. Abriam caminhos através da selva, desde o Nordeste densamente habitado e extremamente pobre; e, uma vez que vieram, ficaram, acampados em cidades-satélites que não são os

satélites do plano do sr. Lucio Costa, mas, sim, as improvisações de uma natureza humana que é recalcitrante a quaisquer regulamentos planificadores.

Qual era a necessidade nacional brasileira e aspiração que o presidente Kubitschek adivinhava quando deu início à construção de Brasília?

A sua intenção e esperança eram que o povo brasileiro emigrasse da capital e, consequentemente, tomasse posse, pelo menos, do imenso interior.

A fim de encaminhar a Nação para esta direção, foram necessários alguns atos dramáticos, pois no Brasil a conquista do interior é uma tarefa terrível. Os tesouros minerais de Minas Gerais e as riquezas agrícolas de São Paulo tinham sido, na verdade, explorados há muito, mas estes dois estados não ficam muito longe da costa.

Uma parte integrante de Brasília é a estrada para Belém — a cidade-porto no Sul do estuário do Amazonas. Esta estrada estende-se através de um território ainda por desbravar com cerca de mil e 400 milhas — duas vezes o comprimento da estrada do Rio para Brasília.

Brasília, evidentemente, tem-se tornado também um centro de comunicações aéreas. Semanalmente já há um avião de Brasília para Manaus, a capital do Amazonas. Há vôos entre Brasília, Rio e São Paulo várias vezes ao dia. Na verdade, Brasília está ainda na sua infância das rotas aéreas. Sem a aviação teria sido difícil inspecionar a região e escolher o local. E também teria sido difícil a edificação da cidade, sem os materiais de construção e equipamento, assim como arquitetos e engenheiros que tiveram de ser transportados por via aérea.

O presidente Kubitschek está agora no exílio, mas Brasília — a sua criação — continua marchando com o espírito que a grande visão do ex-presidente originalmente lhe insuflou.

■ Publicado pelo World Journal em 25 de setembro de 1966 — o original assinado integra os arquivos de Juscelino Kubitschek